

RELIGIÃO, MORTE E LUTO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DOS IMPACTOS RELIGIOSOS NA EXPERIÊNCIA DA PERDA DE UM ENTE QUERIDO

*Ana Carolina Lopes Brasil¹
João Pedro Oliveira Soraggi Dias²
Mariela Aguiar Costa³*

RESUMO

O Brasil com sua diversidade étnica e cultural, devido ao processo de colonização e imigração, reflete tamanha pluralidade em diferentes aspectos culturais, inclusive nas religiões. Sendo as mais populares: o cristianismo, o espiritismo e as religiões de origem africana, como o candomblé e a umbanda, conforme dados levantados pelo Instituto Datafolha, no ano de 2019. Sendo assim, há diferentes práticas religiosas sendo exercidas no contexto brasileiro, impactando a vida e as vivências dos indivíduos, como por exemplo na experiência do luto. Diante deste contexto, esta pesquisa tem por objetivo investigar as possíveis influências das práticas religiosas, no processo de enfrentamento à perda de um ente querido. Utilizando métodos de pesquisa empírica qualitativa, exploratória e entrevistas semiestruturadas, foram examinadas as experiências de adultos praticantes destas religiões por meio do método fenomenológico. Os resultados indicam que o falar sobre a morte pode tornar os indivíduos conscientes de sua finitude e, por este motivo, buscam viver de forma autêntica. O luto pode ser experienciado de diversas maneiras, sendo algo subjetivo e elucidado na rotina dos indivíduos. Além disso, os rituais de cada religião auxiliam na amenização do sofrimento e são atuantes na elaboração do luto. Todavia, esta elaboração pauta-se no passar do tempo ontológico de cada enlutado, que utiliza de recursos dogmáticos de sua religião para encontrar apoio no seu processo de lidar com a perda de um ente querido.

PALAVRAS - CHAVE: Fenomenologia-existencial; luto; morte; religião.

ABSTRACT

Brazil, with its ethnic and cultural diversity resulting from colonization and immigration, reflects this vast plurality across various cultural aspects, including religion. The most popular religions include Christianity, Spiritism, and those of African origin, such as Candomblé and Umbanda, as demonstrated by data collected by the Datafolha Institute in 2019. Accordingly, diverse religious practices are exercised in the Brazilian context, impacting individuals' lives and experiences, particularly in the process of grief. Given this context, the objective of this research is to investigate the potential influences of religious practices on coping with the loss of a loved one. Using empiric qualitative research, exploratory study, and semi-structured interviews, the experiences of adult practitioners of these religions were examined through a phenomenological approach. The results indicate that speaking about death can make individuals aware of their own finitude, and for this reason, they seek to live authentically. Grief can be experienced in various ways, as it is subjective and becomes evident in individuals' daily routines. Moreover, the rituals of each religion help to alleviate suffering

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). Email: pb902011@hotmail.com

² Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). Email: jopedro493@gmail.com

³ Mestra pela Universidade Federal de São João del-Rei (2013). Professora do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN). Email: mariela.costa@uniptan.edu.br

and actively contribute to the grieving process. However, this process is based on each mourner's ontological experience of time, drawing upon the dogmatic resources of their religion to find support in coping with the loss of a loved one.

Keywords: existential-phenomenology; grief; death. religion.

INTRODUÇÃO

Devido ao seu processo de colonização e imigração, o Brasil se tornou um país diverso etnicamente e culturalmente. Tamanha diversidade impacta em diferentes aspectos na organização social do povo brasileiro, como costumes, culinária, dentre outros e, também, na designação de suas religiões. Atualmente, segundo a pesquisa do Instituto Datafolha, apresentado pelo portal de notícias G1, realizada em 2019, 50% da população brasileira se considera católica, 31% evangélica, 3% espírita, 2% de religiões de origens de matriz africana, como umbandista e candomblé e, em contrapartida, 1% se denominam como ateus. Diante deste fato, é notável a potência das religiões no país, na qual a maioria de sua população possui alguma crença.

O casamento celebrado por um padre, a missa de formatura, as mesas brancas, os ritos de introdução de crianças na religião, como a primeira comunhão e crisma, e os rituais com dança são alguns exemplos de práticas religiosas na rotina dos indivíduos. Estas práticas influenciam na organização social e estão em diferentes âmbitos na vivência da sociedade, como no processo após a morte de conhecidos e familiares. Por exemplo, a celebração da missa de sétimo dia no catolicismo, a invocação de guias espirituais nos terreiros de umbanda, as rodas de oração para o espiritismo ou até mesmo os atos ecumenicos, sendo realizados por parentes próximos ao falecido que são de diferentes religiões.

Ademais, analisando o contexto de pandemia da COVID-19, devido ao isolamento social, não foi permitido realizar processos ritualísticos de maneira convencional, conforme a crença de cada religião. Logo, sendo imposto aos indivíduos enlutados passarem por este processo à sua maneira e sem os costumes corriqueiros realizados em seu contexto. No que se refere à esta temática, a psicóloga Érika Arantes, em matéria escrita por Vitória Pierri (2021), para o Jornal da USP, afirma a importância da elaboração do luto e como a alteração nesses processos pode tornar o indivíduo predisposto ao adoecimento físico e mental, apesar de ser um processo individual para cada sujeito.

Portanto, sabendo da importância da elaboração do luto e de que é algo individual a cada um, este processo é construído por todas as vivências que moldam o sujeito até o

momento de enfrentamento da perda de um ente querido. Além disso, este estudo busca compreender a interseção entre religião e luto a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial, explorando como os aspectos religiosos e culturais influenciam a subjetividade dos indivíduos diante da morte. Ademais, o trabalho se propõe a descrever e interpretar como a presença (ou ausência) de crenças religiosas e rituais impacta na experiência de perda e na elaboração do luto.

Contudo, a fenomenologia busca analisar o indivíduo em sua subjetividade, utilizando um método descritivo para compreender como o sujeito constroi e atribui sentido aos fenômenos ao seu redor (Husserl, 2006). Nessa mesma perspectiva, a religião é um vetor de influência sobre o ser humano, por questões culturais, que influenciam na subjetividade dos seres. Como citado anteriormente, a atribuição de sentido é algo central na construção do sujeito, logo, sendo um tópico de análise da fenomenologia. Nesse contexto, o conceito de "ser-no-mundo", elaborado por Martin Heidegger (2002), emerge como uma ferramenta crucial para entender como os indivíduos se relacionam com o mundo ao seu redor e como a religião atua como um vetor de influência cultural, construindo também a subjetividade dos seres. Tal conceito fenomenológico enfatiza que o sujeito não existe de forma isolada, mas está sempre imerso em um contexto cultural e social, em que suas experiências são moldadas pelas interações com o mundo e com os outros.

A fenomenologia, com seu foco na experiência vivida, é essencial para compreender o luto como um processo subjetivo e influenciado por fatores culturais e individuais. Como destaca Parkes (1998), as crenças e práticas religiosas moldam profundamente o significado atribuído à morte, conferindo ao luto características singulares em cada contexto. Assim, a análise fenomenológica permite explorar como religião, cultura e subjetividade se entrelaçam na elaboração do luto, assunto especialmente relevante após a pandemia de COVID-19, quando a ausência dos rituais tradicionais intensificou o sofrimento de muitos enlutados. Este estudo, portanto, tem por objetivo compreender quais as implicações que a prática religiosa possui nos indivíduos em situação de luto, utilizando da metodologia fenomenológica-existencial. Além disso, busca contribuir, como apoio teórico, para intervenções psicológicas que valorizem o papel das crenças e dos rituais na vivência da perda, considerando a diversidade religiosa brasileira.

MORTE E RELIGIÃO

Tendo o entendimento de que morte e religião perpassam a existência, historicamente, houveram significativas mudanças ao longo da história da sociedade, sendo cada vez mais

destacadas as influências dos impactos culturais, religiosos, sociais e históricos sob tais temáticas. No entendimento de Giacoia Júnior (2005, p. 13) ao citar Schopenhauer (1986), “pode-se dizer, portanto, que a morte é o gênio inspirador, a musa da filosofia, sem ela provavelmente a humanidade não teria filosofado”. Diversos povos ao longo da história praticavam costumes ritualísticos a fim de lidar com tais fenômenos, entretanto, com significados diferentes, como os gregos e hindus que tinham como cultura o ato de cremar os corpos.

Segundo Caputo (2008), para os gregos, o objetivo da cremação era guardar as cinzas, porém com distinções quanto a forma: havia os sujeitos cremados coletivamente e os cremados em locais separados, levados à pira crematória, onde era realizada cerimônia e tributo, sendo o último ato apenas para grande heróis. Em contrapartida, para os hindus, guardar as cinzas não fazia parte da tradição, já que

ao contrário dos gregos, para os hindus a grande personalidade não era o herói, nem o rei, mas sim aquele que fosse capaz de negar-se a si mesmo, despojando-se de seus traços individuais. Com isso, o indivíduo admirável para os hindus eram os ascetas, os monges, os quais despojavam-se a tal ponto de abrir mão dos dois mais poderosos mananciais da vida: o desejo de conservação e de reprodução. Estes não tinham os corpos cremados, mas eram enterrados em posição de meditação, em covas nos lugares sagrados, nos quais eram realizadas peregrinações e indicavam para os hindus que o verdadeiro sentido da vida era o despojamento do corpo, o que resultaria numa preparação para a morte gloriosa (Giacoia, 2005, *apud* Caputo, 2008, p. 75).

Sendo assim, a morte e o sentido de mortalidade se distinguem nas mais diferentes civilizações, variando de acordo com as gestões simbólicas, que alternam dependendo dos fatores dispostos, como religião e tempo histórico. Para os cristãos e judeus, por exemplo, por muito tempo (e em alguns casos, até os dias atuais) a morte significou uma etapa de passagem para a vida eterna e ressurreição, podendo se dividir em uma eterna contemplação ou em um eterno sofrimento, ou seja, nas dimensões de paraíso ou inferno (Caputo, 2008).

A influência das religiões no que concerne a morte e o processo de luto é vista também nas religiões de matriz africana, que realizam um ritual funerário denominado *sirrum*, que pode durar dias, em prol do fim da passagem do falecido ao mundo dos mortos (Banaggia, 2018). Diferenciando assim dos rituais cristãos, por exemplo, que realizam o tradicional velório poucos dias após o falecimento, ou até mesmo no dia da morte.

No que se refere à doutrina espírita, diferencia-se de religiões por não seguir credos ou rituais, mas por denominar-se como uma filosofia de vida que explica o plano espiritual. Baseando-se nos relatos do principal livro propagador dos ideais do espiritismo, *O livro dos espíritos* de Allan Kardec (2008) que aborda, em pequeno resumo da obra, por meio de

entrevistas do médium com espíritos ascencionados, os ideais do espiritismo. Ideais estes que se baseiam em autoconhecimento, autocuidado, cuidado ao próximo e que os seres humanos são almas que “encarnam” diversas vezes no planeta terra. A encarnação repetidas vezes possui o objetivo de, em cada encarnação, explorar, aperfeiçoar e aprender sobre questões pertinentes para sua evolução espiritual. Como também, após planejamento com as casas astrais, os espíritos vêm no plano material a fim de cumprirem com alguma dívida provinda de um mal realizado em uma vida passada.

Por fim, à frente de tantas peculiaridades de cada religião, é válido notar o quanto foi e é uma das maiores influências acerca da temática morte e luto, visto que fornecem não apenas práticas, mas narrativas e estruturas que dão sentido à perda e aos acontecimentos em torno.

Atualmente, o contexto de morte passa por um novo processo de ressignificação. Zygmunt Bauman, em seu livro *Medo líquido* (2008b *apud* Silva, 2018) afirma que a sociedade organiza a vida de modo semelhante a um *reality show*, em que, com o avanço das redes sociais, os seres humanos buscam uma espetacularização e autopromoção de si para os outros. Portanto, assim como em programas de televisão, acontecimentos na vida dos indivíduos tornam-se motivo de atenção e repercussão na sociedade, levando as pessoas à uma busca por fama e se fazer ser notável.

Atualmente, tem-se visto uma espetacularização da morte de pessoas famosas, a fim de criar comoção sobre o ocorrido e angariar visualizações e engajamento para os meios midiáticos, com programação diária após o falecimento e até materiais prontos, mesmo com a pessoa ainda viva. Como visto na operação *London Bridge* que contava com o anúncio e uma programação especial de dez dias para a mídia britânica, já pronta para ir ao ar, após a morte da Rainha Elizabeth segunda, de acordo com o G1 (2022). No Brasil, por exemplo, o acompanhamento das cerimônias e rituais após o falecimento da antiga rainha aumentaram em 48% a audiência da GloboNews na época, conforme diz Ancelmo Gois para O GLOBO (2022). Em contrapartida, a morte de pessoas “comuns” no dia a dia, cada vez mais vem perdendo seu impacto e não passando de números e estatísticas. Ainda segundo Bauman (2008b *apud* Silva, 2018), esta banalização é recorrente de um processo de fuga, na qual a sociedade, em acordo silencioso, tem tentado abafar casos de morte a fim de ignorar reflexões sobre a própria finitude.

Somado a isto, o contexto de morte e luto também foi tomado pelos dispositivos de controle citados por Foucault (1977), sendo “dispositivo” o termo usado para referenciar aquilo que permeia entre o público e o privado, como também entre o permitido e o que é proibido. O dispositivo sobre a morte é utilizado quando o ato de morrer deixa de ser algo

peçoal, anunciado primeiramente ao moribundo e passou a ser de saber médico (Ariés, 2012).

Com o modelo econômico capitalista em vigência, no qual o consumo e a produção se tornam questões de maior importância do que a vida humana (Belmino, 2020, *apud* Firmo; Brito, 2022), o ato do luto, assim como o de morrer, se torna um saber médico, em que a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) mais recente, lançada em 2019, em seu código CID-11-6B42, classifica o luto prolongado como transtorno mental, se referindo aos “sintomas” do luto que atrapalhem na organização da rotina, trabalho e estudos. Como também, quando causa distanciamento social e crises de choro, desse modo, retomando seu discurso ao processo de produção e imposição de modelos capitalistas diante da organização social. A transformação do luto em um transtorno mental, conforme sugerido pela CID-11, evidencia como as experiências de dor e perda são frequentemente reduzidas a diagnósticos superficiais, desconsiderando a complexidade e a singularidade de cada história de vida (Venâncio; Oliveira, 2018).

Portanto, a compreensão da morte reflete não apenas a diversidade cultural e religiosa, mas também as dinâmicas sociais e econômicas que moldam as percepções sobre a finitude da vida. Ao considerar tais narrativas, seja nas tradições antigas ou nas realidades contemporâneas, torna-se evidente a necessidade que o entendimento da mortalidade continue a evoluir com o desenvolvimento de novas perspectivas que busquem pluralizar o conhecimento na área.

Morte em uma perspectiva Fenomenológica-Existencial

De acordo com Fontana (2020), em seu texto *Sartre: O existencialismo em torno da morte*, o existencialista aborda o “absurdo da morte”, que se faz pelo encerramento das possibilidades e da vivência em um mundo vivo e ativo, com os seres humanos vivendo em uma projeção de possibilidades do que pode ser vivido. Assim como foi exemplificado na frase “estar morto é ser presa dos vivos” (Sartre, 2015 *apud* Fontana, 2020, p.108), o filósofo afirma que ao morrer o ser humano deixa de existir e se torna um objeto que “vive” por meio de memórias e projeções dos ainda remanescentes. O fato de que a morte é revelada e que marca o fim de qualquer possibilidade de projeto ou ação é, para Sartre, uma confirmação de que a existência humana é contingente e absurda. Ele argumenta que a vida do sujeito é marcada pela “náusea” diante dessa ausência de sentido objetivo, e cabe aos indivíduos criar sentido em meio ao absurdo, viver com conforto e assumir a responsabilidade por suas

escolhas. Assim, a morte não dá sentido à vida, mas cabe aos indivíduos confrontarem com a urgência de fazer com que sua existência tenha valor enquanto ainda existem.

Por outro lado, Martin Heidegger, filósofo influente de sua época, em sua obra *Ser e Tempo* (2002) apresenta o conceito de *Dasein* (ser-aí). O *Dasein* não é apenas uma entidade entre outras, mas é o ser que tem consciência de seu próprio ser e está constantemente em um estado de “ser lançado” no mundo — ou seja, inserido em uma realidade que não escolheu, mas que precisa confrontar e entender. O *Dasein* é caracterizado por sua abertura ao mundo e por sua estrutura de “estar-no-mundo”, o que implica que a existência humana não pode ser separada do mundo ao seu redor.

Em uma perspectiva diferente de Sartre, o conceito de morte para Heidegger (2012 *apud* Nehme, 2019) é tido como inerente ao sujeito, ou seja, ao existir e estar inserido no mundo, a partir de todos os contextos vivenciados e sentindo todos os impactos que a sociedade promove, ele está, automaticamente, inserido na possibilidade de morte onde a angústia é o fato de saber ser um ser finito. A morte traz uma possibilidade de “não-ser” para o “ser-aí”, ou seja, a morte surge como uma limitação às possibilidades. A morte, para Heidegger, não é apenas o fim biológico, mas um componente da própria experiência de ser-no-mundo. Ele introduz o conceito de “ser-para-a-morte” que significa uma postura de abertura diante da finitude. Segundo ele, considerar a inevitabilidade da morte nos leva a uma existência mais autêntica. Quando o *Dasein* aceita a morte, ele deixa de se esconder nas distrações da vida cotidiana e pode passar a viver mais plenamente, assumindo a responsabilidade por sua vida e por suas escolhas, atribuindo outros sentidos à sua existência.

Segundo Werle (2003), a angústia para Heidegger é inerente aos indivíduos e é justamente o sentimento de angústia que humaniza os seres humanos. Para Heidegger (*apud* Werle, 2003), a angústia traz o movimento de reflexão e autoconhecimento, que pode transferir o sujeito de sua inautenticidade, estado que os humanos comumente estão, para a autenticidade, que diz respeito a estar consciente de si, de sua existência e suas possibilidades.

Sendo assim, Heidegger aponta que a morte traz uma reflexão aos indivíduos sobre sua própria vida, em que questões como “o que eu gostaria de ser?” retomam projeções sobre as possibilidades do que pode ser feito em vida, como citado anteriormente. Por isso, a busca por sentido tende a ser uma motivação do ser-no-mundo, sendo assim uma consequência das experiências individuais. Viktor Frankl (1991), em seu livro *Em busca de sentido*, demonstra, na perspectiva fenomenológica, fatos ocorridos durante sua experiência em um campo de

concentração, no qual mostra que, nas mais adversas circunstâncias, o ser busca um sentido, a fim de proporcionar adaptação e resiliência.

A Logoterapia, enquanto conceito criado por Frankl, atua em procurar, em conjunto ao paciente, o sentido atribuído à sua vida. Nessa busca,

esta razão não é dada pelo terapeuta, é a própria pessoa que precisa encontrar o sentido de sua vida para poder curar-se. Afirmo Frankl: "só o homem pode levantar esta questão do sentido e pôr em questão o sentido de sua existência" (1986, p.80) (Ferreira, 2008, p.129).

O “absurdo da morte” se faz presente justamente por ser algo inesperado sobre em qual momento acontecerá, pois impõe um desfecho à vida dos indivíduos, seja na sua própria ou na de entes queridos. No que se refere à desfechos, Pompéia e Sapienza (2004) afirmam que eles podem ser entendidos como encerramentos de fenômenos presentes na vida dos indivíduos. Apesar de abordar diferentes significados da palavra desfecho, uma em especial se faz central no tema abordado nesta pesquisa: a que sinaliza que o desfecho diz respeito a um encerramento de algo, seja ele atrelado a diversos fatores emocionais e subjetivos. Neste caso, a morte é vista como o desfecho do que a pessoa foi em vida e, segundo os autores, é de extrema importância ter marcadores históricos, vividos pelos indivíduos, para que este desfecho possa ser simbolizado. Tais atos são denominados como ritos de passagem.

Van Gennep, em sua obra clássica *Les Rites de Passage* (2011), descreve os principais ritos de passagem da vida do indivíduo, inclusive a morte, e como tais fenômenos influenciam a vida e o cotidiano do ser. Logo, tais recursos funcionam como a busca por significação, funcionando como marco simbólico de transformação e, muitas vezes, de superação. Sendo assim, o rito de passagem desempenha o papel de reforçador do sentido da vida, ao transformar ou adaptar eventos significativos da existência do ser-no-mundo.

Sendo um fenômeno tão marcante e inerente ao ser humano, falar sobre a morte, ou seja, trazer à tona a consciência da própria finitude é, simplesmente, não negligenciá-la. Segundo Santana e Tolovi (2017), para alguns indivíduos, falar sobre ela é algo natural, sem estigmas e incômodos, mas, para outros, o simples pensar sobre o assunto gera angústia, incerteza e medo de algo que é fisiologicamente natural. Ainda segundo os autores, a morte é algo que está extremamente presente na rotina dos seres e que, ao mesmo tempo, não pertence ao ser. Além disso, assimilar e aceitar tal realidade gera naturalmente total estranheza no indivíduo, indo contra tudo que foi construído na vida humana, como o próprio conceito de plenitude. Sendo assim, confrontar tal realidade e emoções gera aceitação e protagonismo na vida do ser, como descreve Mitch, mencionado por Santana e Tolovi:

Tome qualquer emoção: amor por uma mulher, sofrimento por um ente querido, ou isso por que estou passando, medo e dor causados por uma doença mortal. Se você bloquear suas emoções, se não se permitir ir fundo nelas, nunca conseguirá se desapegar estará muito ocupado em ter medo da dor, medo do sofrimento. Terá medo da vulnerabilidade que o amor traz com ele. - Mas atirando-se a essas emoções, mergulhando nelas até o fim, até se afogar nelas, você as experimenta em toda a plenitude, completamente. Saberá o que é dor. Saberá o que é o amor. Saberá o que é sofrimento. Só então poderá dizer, “muito bem, experimentei essa emoção. Eu a reconheço. Agora preciso me desapegar dela por um momento.” (Mitch, 1997, *apud* Santana e Tolovi, 2017, p. 8).

Como afirmam Santana e Tolovi (2017), o enfrentamento das emoções traz à tona a dor e o amor, permitindo que o sujeito experimente essas realidades em sua plenitude. Essa plenitude não se limita à mera aceitação da morte ou a uma utopia, mas representa uma compreensão abrangente e enriquecedora da vida em sua totalidade, incluindo suas limitações. Paralelamente, a fenomenologia trabalha em prol dessa perspectiva, como na própria visão de Gordon Allport (1967) mencionada por Ferreira (2008), no qual menciona que um terapeuta não deve curar um preconceito, fobia ou hostilidade, mas sim auxiliar o indivíduo a aproximar-se de uma visão de valores e de uma concepção de mundo capaz de cobrir e absorver seu fator de perturbação. Portanto, a plenitude mencionada aqui emerge como um caminho para a transformação, permitindo que o luto seja integrado à própria narrativa de vida, conferindo-lhe um significado mais profundo e autêntico.

METODOLOGIA

Diante deste contexto, de busca de uma significação da morte e análise de seu contexto cultural, este trabalho se propôs a encontrar apoio teórico e prático, acerca dos efeitos, na atribuição de sentido, que as religiões podem oferecer aos indivíduos em situação de luto. Sendo o recorte principal as práticas religiosas mais praticadas no Brasil, segundo Datafolha (2019), se referindo à: cristã, espírita e às religiões de origem africana.

Foi utilizado do dispositivo de pesquisa exploratória (Gil, 1994), contendo seis entrevistas semi-estruturadas com membros praticantes de sua fé religiosa acerca da experiência da perda de um ente querido, com idade na fase adulta, sem distinção de sexo e etnia. Deste modo, tornou-se um critério de exclusão para essa pesquisa os autodenominados ateus, crianças e pessoas que não experienciaram a perda de um ente querido.

Por ser uma pesquisa qualitativa (Gil, 1994) e com a finalidade de analisar teoricamente o conteúdo obtido na realidade objetiva, foi utilizado como suporte teórico a abordagem fenomenológica-existencial. Considerando o estudo supracitado, a pesquisa recorrerá ao método de análise de dados, o qual segundo Gil (1994)

tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (Gil, 1994. p. 156).

De acordo com o autor, a análise de dados é o processo de extrair sentido além dos dados, em que ocorre a consolidação, limitação e interpretação das informações coletadas pelo pesquisador através da observação, leitura e análise do que foi dito pelas pessoas envolvidas. Em outras palavras, é o processo de formação de significado a partir dos dados disponíveis. Nesse sentido, se torna possível apreciar as informações obtidas dentro do contexto e do referencial teórico no qual é analisado.

Para isto, o convite para participar da pesquisa foi enviado por *e-mail* a partir da indicação dos contatos de pessoas que passaram pelo processo de luto, por parte de líderes religiosos em São João del-Rei (MG). O convite continha informações essenciais sobre as entrevistas, como quais os benefícios em participar desta pesquisa, como também quais os possíveis riscos, por se tratar de um tema sensível, sendo explicitado que a participação não era obrigatória e o indivíduo poderia desistir a qualquer momento. Ademais, a adesão mostrou-se alta, onde apenas um dos entrevistados não compareceu às entrevistas e não apresentou retorno sobre o motivo, sendo respeitada sua escolha. Além disso, foi elucidado que caso houvesse algum desconforto sobre o tema os entrevistados poderiam noticiar os pesquisadores para que as entrevistas fossem interrompidas. As entrevistas foram realizadas nas dependências do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN), ao qual os pesquisadores são vinculados, onde foram realizados encontros presenciais.

As entrevistas iniciaram retomando aos participantes os objetivos da pesquisa, abrindo espaço para esclarecimentos sobre a mesma e explicando a participação voluntária, que poderia ser interrompida a qualquer momento, caso o participante desejasse desistir. Ademais, foi apresentado e assinado duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O participante permaneceu com um dos documentos e os outros ficaram sobre a posse dos entrevistadores. O termo possui um texto cuidadosamente escrito informando e garantindo a privacidade, confidencialidade e o anonimato das informações recolhidas e que as entrevistas seriam gravadas apenas para consulta posterior dos entrevistadores sobre o material. Por fim, após a obtenção dos dados pessoais, como: nome, religião e idade, as perguntas realizadas tinham por finalidade identificar a relação do entrevistado com a pessoa falecida, o entendimento da pessoa sobre o luto, sua relação com a religião (em um contexto mais amplo

em sua vida) e, por fim, se teve influências de suas respectivas religiões durante o processo de elaboração do luto e, se sim, quais foram.

Após realização das entrevistas, os áudios foram transcritos, com o intuito de permitir uma melhor visualização das temáticas centrais e convergentes entre os entrevistados, sendo a principal categoria de análise a religião durante este processo de luto. Além disso, a transcrição dos áudios obtidos permitiram a citação direta, de algumas frases relevantes, para serem elencadas no tópico de resultados obtidos. Por fim, foram realizados levantamentos sobre a relação entre as falas dos entrevistados e os pontos teóricos analisados de mais destaque. A pesquisa em campo ocorreu após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do UNIPTAN (CEP), cuja aprovação na Plataforma Brasil pode ser verificada pelo nº CAAE: 79707524.0.0000.9667.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os principais temas de discussão levantados nas seis entrevistas realizadas, organizados de acordo com o objetivo do estudo, analisado e categorizado através de temáticas, em que puderam ser agrupadas falas convergentes. Dessa maneira, foi possível construir as seguintes categorias de análise: consciência da morte, ritos de passagem e suas vicissitudes; luto no dia-a-dia; tempo ontológico *versus* tempo cronológico; e fé e religião no processo de luto.

Os dados qualitativos serão apresentados conjuntamente e não seguirá a ordem cronológica dos resultados obtidos. Importante salientar que todos os nomes apresentados nos relatos são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa. Os entrevistados serão apresentados como Tereza (religião: católica; 42 anos; perda significativa: mãe), Cláudia (religião: católica; 60 anos; perda significativa: pai, mãe e irmão), Marcos (doutrina espírita; 53 anos; perda significativa: mãe e primo), Antônio (espiritualista⁴; 62 anos; perda significativa: pai, mãe, irmão e esposa), Maria (religião: umbanda; 26 anos; perda significativa: bisavô, amiga e consulente, que é a filha de santo que frequentava seu terreiro) e João (religião: umbanda; 52 anos; perda significativa: irmão e pai).

Consciência da morte

⁴ Os espíritas seguem os ideais de Allan Kardec, apresentados anteriormente nesta pesquisa. Entretanto, entende-se espiritualista aquele que acredita na existência de vida além do plano material, não necessariamente seguindo alguma religião específica. Portanto, toda religião entende-se, consequentemente, como espiritualista.

Como discutido anteriormente, o falar sobre a morte é algo subjetivo, na perspectiva de Santana e Tolovi (2017), o dialogar sobre o tema, para algumas pessoas, ocorre de forma espontânea e natural, enquanto para outras, pode provocar sentimentos negativos, como ansiedade, mesmo sendo um fenômeno natural da vida. Durante as entrevistas, foi analisado o quanto, de fato, o falar sobre a morte desempenha um papel diferente para cada entrevistado.

Tereza, em certo momento, menciona que nunca refletiu sobre a morte e sobre a possibilidade de perder a mãe, ao mesmo tempo que afirma que o sofrimento do seu processo de luto se deu muito por isso. Na mesma perspectiva, Antônio afirma que *“as religiões trabalham muito pouco [a morte], deviam trabalhar melhor a questão da passagem: do mesmo jeito que fazemos o pré-natal, claro que não lidaria dessa forma, mas termos a noção de que não somos infinitos”*, retomando assim a importância da finitude ser mais trabalhada e pensada previamente. Acerca da finitude, João faz uma analogia da vida com uma vela, na qual pode ser apagada a qualquer momento, independente do momento em que foi acesa. Diante desta nova realidade e filosofia de vida aplicada a si, João se vê *“fazendo hora extra na terra”* e diz buscar viver todos os dias com intensidade e consciente da sua finitude, e que tais ideias foram construídos após a perda do irmão mais novo, onde o fez refletir e repensar sobre a vida: *“não quero mais perder tempo na minha vida, pois não sei quanto tempo mais eu tenho”*, demonstrando que, após o contato com a morte, o sujeito tende a ter mais consciência, autenticidade e aceitação sob a finitude, reafirmando assim a perspectiva de Heidegger.

Para Heidegger (2002), é através da consciência da morte que o ser humano pode viver de forma autêntica, sendo o que ele chama de "Ser-para-a-morte" (Sein-zum-Tode). Falar sobre a morte, portanto, seria uma maneira de aproximar-se dessa autenticidade, onde a finitude passa a ser tangível e aceita. Em sua obra *Ser e Tempo*, Heidegger argumenta que a consciência da finitude humana leva o indivíduo a confrontar a possibilidade do “nada” e, assim, questionar o sentido de sua própria existência. Esse entendimento da morte destaca que a finitude não é algo a ser evitado, mas um horizonte que nos permite fazer escolhas mais específicas e significativas. Ao encarar a morte, o indivíduo é desafiado a se libertar, dentro do possível, das distrações e convenções sociais, voltando-se para suas próprias aspirações genuínas. Assim, para Heidegger, a reflexão sobre a morte nos convida a assumir a responsabilidade pela nossa própria existência.

A culpa é um sentimento que diz respeito à falta de algo, seja de informação, seja de raciocínio ou de maturidade para lidar com aquela situação, conforme diz Pompéia e Sapienza (2004). Segundo os autores, o sentimento de culpa surge quando algo que não é revelado, ou

pensado pelo indivíduo, vem à tona. No que se refere às entrevistas, Tereza diz ter sentido muita culpa durante o processo de adoecimento da mãe, por desejar que ela descansasse, por no momento exato da morte não ter estado presente, não ter participado do enterro da mãe, não ter percebido o quanto a mãe estava doente, dentre outras situações que remetem à falta de algo feito/experimentado durante estes momentos.

Após passar pela perda de sua esposa, Antônio menciona que acompanhou o processo em que sua companheira adoeceu de câncer, estando presente nas internações e, conseqüentemente, no óbito. Apesar da tristeza, sentiu um pouco mais de preparo, visto que seu câncer não tinha cura e foi vivenciado todo o processo possível. Mencionou também que, nesse período antes do falecimento, ele e sua esposa conseguiram falar e reafirmar tudo que sentiam, desejavam e ansiavam, não deixando espaços para a falta de algo, corroborando com o pensamento heideggeriano acerca da consciência de morte.

Ritos de passagem e suas vicissitudes

Ao falar sobre os ritos de passagem e seus significados para cada sujeito, é possível relacionar com o conceito do sentido da vida de Viktor Frankl (1991). O autor, na Logoterapia, destaca que o ser humano está constantemente em busca de significado e essa busca é o motor da vida. Antônio, por exemplo, quando entrevistado, menciona o quanto foi estranho o seu processo de luto após a perda de seu irmão na época da COVID-19, devido ao fato de que não pôde se despedir, pelas restrições de distanciamento que impediam o ritual funerário, demonstrando assim a importância para ele em ter tido um rito de passagem que demarcasse a perda de seu irmão.

Pompéia e Sapienza (2004) destacam a importância dos rituais de passagem como elementos essenciais nos processos de luto e estágios de ciclos de vida. Segundo eles, esses rituais cumprem a função de dar sentido e estrutura ao processo de despedida, facilitando a transição emocional para uma nova fase. Os autores entendem que os rituais, como funerais, ajudam o enlutado a vivenciar e expressar sentimentos, promovendo um espaço coletivo para que a dor seja compartilhada e validada socialmente. Esse ato simbólico auxilia no reconhecimento da perda e permite que o enlutado possa, aos poucos, integrar essa experiência e seguir em frente. Para ele, os rituais de passagem têm o poder de fortalecer o enfrentamento emocional, tornando o luto um processo mais saudável.

Entretanto, por uma perspectiva espírita, Marcos afirma que os indivíduos possuem um apego à matéria e que, após desencarnar, se as pessoas continuam apegadas ao que é

físico, o processo de evolução do ente será impedido de acontecer. Para ele, isso pode levar o espírito a “ficar vagando pela terra”, mostrando assim as diferentes nuances de pensamentos acerca dos ritos de passagem, que variam de acordo com vivências, religiões ou doutrinas.

Tereza, por sua vez, ao ser perguntada sobre as cerimônias realizadas após a perda, menciona que não quis estar presente, não escolheu a roupa da mãe nem quis vê-la de perto, *“só quis que tudo terminasse logo”*, diz ela, demonstrando assim o quanto o processo de cerimônia a fez mal. Em contrapartida, diferente de todos os outros entrevistados, Tereza encontrou seu rito apenas em uma outra religião, um rito de passagem que fazia sentido para ela: após um ano da perda e de sofrimento intenso decidiu ir a um centro espírita, mesma sendo católica, e ao conversar com o guia espiritual, ele solicitou que Tereza levasse um girassol até o túmulo de sua mãe e conversasse ela tudo que estava sentindo. Para Tereza, após executar aquela orientação, houve uma melhora em seu sofrimento. Em paralelo com a religião católica, a entrevistada menciona que não se sentiu acolhida como no espiritismo: *“na missa você pega uma palavra, mas não é uma coisa para você, é para o todo e naquele momento [de luto] a gente quer algo individual”*, diz ela descrevendo o quanto, naquele momento, havia experienciado algo que, de fato, fez sentido para ela. Por fim, Tereza diz ter se sentido outra pessoa ao passar por este ritual e iniciou seu processo de cura (mas não de esquecimento) da perda de sua mãe, mostrando que as formas possíveis de lidar com a perda são diversas, subjetivas e individuais.

Luto no dia-a-dia

Marco Werle, em *A angústia, o nada e a morte em Heidegger* (2003), afirma que o indivíduo não vivencia sua própria morte, pois, ao falecer, não pode experimentar esse acontecimento. *“A casa fica em luto”*, Tereza destaca e logo após diz que hora ou outra se pega pensando e sem acreditar na sua perda, diz não saber se alguém consegue de fato encerrar o processo de luto, porque ela mesma diz ainda ter algumas questões. Assim, como mencionado acima, a morte, de fato, assume um paradoxo, sendo algo que é vivido apenas pelos outros que permanecem.

O luto no dia-a-dia assume um papel extremamente subjetivo. Antônio, por exemplo, menciona que passou cerca de dez anos tendo sonhos recorrentes com o pai, em que compartilhavam de maneira natural coisas rotineiras, como cortar o cabelo ou comprar uma roupa, só tendo uma diminuição no ocorrido quando a mãe aparece em um dos sonhos, ressignificando seu luto dentro de sua doutrina espiritualista. Em contrapartida, para Marcos,

um dos momentos do luto é o “*luto de presença*”, no qual o indivíduo, junto com a rotina, percebe que a pessoa não está mais em sua convivência. Além disso, Marcos diz ter também o luto de arrependimento, que é o sentimento remanescente após a ida da pessoa próxima, com ela não saindo de seu pensamento por remorso de suas atitudes enquanto o ente estava vivo.

Nessa perspectiva, Antônio, que perdeu a esposa, menciona sobre suas dificuldades diárias, como no processo de aceitação em estar novamente namorando, sem se sabotar e se culpar como se fosse traição. Maria, enquanto isso, diz “*you simply live the lack, you feel the lack of the matter*”. Mesmo tendo um contato e um convívio com espíritos, Maria salienta que o luto é entendido por ela como a falta da pessoa querida neste mesmo plano. Assim, como descreve Kübler-Ross em *Sobre a Morte e o Morrer* (1998), o processo de luto envolve não apenas a dor da perda, mas uma luta diária para se adaptar à ausência física do ente querido, que afeta a si mesmo e suas relações no mundo.

Para a médica geriatra Ana Cláudia Quintana Arantes (2016), o luto é um processo natural e necessário para lidar com as perdas significativas ao longo da vida. A médica paliativista o define como um momento de reorganização interna, onde uma pessoa enlutada precisa ressignificar a ausência de quem se foi, ajustando-se a uma nova realidade. O luto, segundo ela, não deve ser encarado como uma doença, mas sim como uma experiência que requer acolhimento, compreensão e tempo, reconhecendo a dor da perda e integrando essa vivência ao seu cotidiano. Reforça-se a importância de viver o luto de maneira consciente e respeitosa consigo mesmo, dando espaço para sentimentos e emoções que surgem, sem buscar negá-los (Arantes, 2016).

Tempo ontológico versus tempo cronológico

Durante as entrevistas, a subjetividade da experiência do tempo foi notada de maneira clara. João, por exemplo, perdeu seu irmão mais novo de 27 anos de maneira trágica, perdeu o pai, meio ano depois, por consequência de um estado depressivo e a mãe que desenvolveu afasia primária progressiva, que se assemelha ao Alzheimer, no que se refere a seus sintomas. Desse modo, João menciona durante a entrevista o quanto sua família foi impactada e nunca se recuperaram, de fato, do luto do irmão mais novo, demonstrando que o tempo cronológico não foi suficiente para tal.

Tereza, por sua vez, ao perder a mãe, estabeleceu um prazo, de um ano, para seu luto e, em certo momento da entrevista, menciona que não entendia como as pessoas em sua volta continuavam fazendo festas e aniversários, após a perda da sua mãe. Ao colocar o prazo de

um ano para seu sofrimento, Tereza define um limite cronológico para o sofrimento, como se ao final desse período, esperasse uma transformação ou um alívio em seu processo de luto. Tereza ao perceber a incongruência entre seu estado de dor e as celebrações de amigos e familiares, fez emergir um contraste entre o mundo externo, seguindo o tempo cronológico, e seu mundo interno, que seguia um tempo ontológico.

Mais um exemplo dessa dualidade de tempo é o relato do Antônio que viveu o processo de luto do pai por cerca de 10 anos (tempo cronológico), através de sonhos. Além disso, o entrevistado diz que costuma sentir o luto, de fato, um tempo após a perda, como quando perdeu sua esposa, sentindo o luto um ano depois e ao perder seu irmão, na época do COVID-19, acredita que o baque dessa perda ainda não chegou. Assim, tais experiências reafirmam como o luto se desenrola em uma complexa temporalidade, onde o tempo cronológico e o tempo ontológico se entrelaçam, revelando que as perdas não se limitam a um marco temporal, mas permeiam a existência do sujeito de maneira subjetiva.

Diferente da noção objetiva e linear de tempo, Heidegger (2002) propõe uma temporalidade existencial, em que passado, presente e futuro se inter-relacionam de forma dinâmica. O futuro é especialmente central, pois é a partir dele que o ser projeta possibilidades e dá sentido à sua existência, enquanto o passado não é um ponto fixo, mas algo que influencia o presente através de nossa interpretação e memória. A temporalidade heideggeriana, assim, é uma estrutura fundamental do ser humano, por meio da qual ele se compreende e se constitui como um ser lançado no mundo. No contexto do luto, a perda de um ente querido rompe essa continuidade temporal do Dasein, impactando a projeção de futuro que envolve ou está perdida. A temporalidade do luto implica em uma nova relação com o tempo, em que o passado (as lembranças do ente falecido) e o presente (a ausência constante) se entrelaçam de forma dolorosa.

Esse processo implica em reformular as expectativas e os sentidos previamente atribuídos ao futuro, criando uma experiência de temporalidade complexa e profunda, em que o luto pode ser visto como um movimento de ressignificação e reintegração da própria existência.

Fé e religião no processo de luto

Um dos tópicos observados é a religião como ponto de apoio à experiência do luto. Ao ser perguntada sobre o que é o processo de luto, Tereza disse que o indivíduo se recria nesse processo e que só resta rezar: “*o que te acalma, o que te dá culpa e o que te dá raiva é rezar*”.

Entretanto, em um primeiro momento, antes do falecimento de sua mãe, Tereza disse que brigou com todos os santos, pois fez muitas promessas que não foram atendidas, tentando barganhar com sua espiritualidade e só com o passar do tempo a mesma foi entendendo e assimilando, por ver a mãe debilitada e acamada, pedindo para que levassem ela logo, devido ao sofrimento que a mãe estava sentindo.

No que diz respeito ao fato de ter recorrido à sua religião, durante o processo de luto, João diz que recorreu às orações, principalmente para Omulu e Oyá (Iansã), orixás responsáveis pela ligação com os mortos. Estas práticas de oração são fechadas para o público, sendo um espaço permitido aos parentes e conhecidos mais próximos do indivíduo. Entretanto, a visão de morte para a umbanda não é o fim, segundo João: “*são orixás ligados ao mundo dos mortos, que não estão mortos, estão vivos*”. João diz que em nenhum momento se sentiu irritado ou abandonado por sua religião, na realidade, passar por essa experiência fortaleceu seus laços com a umbanda, segundo ele.

Marcos afirma que seu luto não foi um processo difícil: “*para mim, como sou espírita (...) não foi difícil não, porque, na minha opinião, é uma passagem de vida.*”, deste modo, Marcos afirma que a morte não passa de uma nova vida em um plano diferente do experienciado no planeta Terra, sendo sinônimo de alegria e missão concluída. A especialista em cuidados paliativos, Ana Claudia Quintana Arantes, aborda em seu livro, *A morte é um dia que vale a pena viver* (2016) sobre a importância de abordar o tema da morte rotineiramente e como isso facilita passar pelo processo do luto quando chega o momento. Para Marcos, isso é feito na doutrina espírita, que fala e trabalha sobre a morte regularmente.

Como citado, Tereza diz que não estava preparada para o luto e para a possibilidade da perda de sua mãe, a levando a brigar com os santos e se frustrar com a sua religião e espiritualidade. Tereza revela que hoje ela é ainda mais admiradora do espiritismo, porém tem receios se poderia se considerar espírita. Em paralelo, diz que o catolicismo é muito cômodo, onde nas missas, por exemplo, ninguém fala com você, de forma individual, não sendo necessário explicar nada. Tereza descreve que a religião espírita possibilitou para ela um outro olhar para a morte, tendo sua significação da perda em outra religião.

Algo semelhante ocorreu com Maria, que afirma que a religião foi presente em todas as suas perdas, porém de diferentes maneiras, onde se identificava como espiritualista na perda do bisavô, ao seus 16 anos, era filha de santo na morte da amiga e, por fim, já havia se consagrado como mãe de santo e sacerdotisa há 7 anos quando perdeu sua consulente.

Na época da perda do pai, Antônio era católico e, hoje em dia, o mesmo acredita que o catolicismo lida de uma forma estranha: purgatório, céu e inferno. Sem entender o que havia depois e sem ter o acalento que precisava, após passar por um novo luto anos depois, Antônio menciona que passou a acreditar em reencarnação, encontrando na espiritualidade o apoio que precisava.

Cláudia menciona que, a partir do processo de luto do seu pai, na quaresma, passou a comungar diariamente, frequentar missa diária, confessar frequentemente, tendo este movimento como impulsor para que aumentasse sua fé e se aproximasse cada vez mais da sua religião. A entrevistada afirmou que todos esses momentos após as perdas ajudaram-na, visto que são momentos com pessoas que dão apoio.

Como observado, cada indivíduo possui sua maneira específica de lidar e interpretar as situações que ocorrem em seu dia a dia. Tereza se indignou com os santos de sua religião após passar pela experiência do luto. Contudo, Cláudia, relata o que chama ser uma “*experiência pessoal com Jesus*”, em que se ajoelhou em frente a imagem em uma procissão, se sentiu apaixonada por ele, reforçando seus laços com sua fé no momento do seu luto.

Já os entrevistados espírita e espiritualista, ambos afirmaram que o processo foi doloroso, porém, já era algo esperado, visto que o contato prévio com a temática da morte em sua rotina trouxeram uma maior compreensão em relação à perda, segundo eles. Como pode ser observado na fala de Antônio, que diz entender que o luto é angustiante, mas que é possível perceber como uma transição, sendo uma única certeza e que, por este motivo, deveria ser abordado frequentemente e sem tabus pela sociedade.

Para a umbanda, Maria afirma que os rituais são vistos como um momento festivo, onde se realiza orações em silêncio em um primeiro momento, porém, em outros, toca-se atabaque (instrumento semelhante a um tambor) no terreiro e cantam músicas no momento do enterro. Entretanto, João, também umbandista, diz sentir que a cultura da morte não traz uma leveza sobre o tema, em que os atos ritualísticos, inclusive na umbanda, são, em sua maioria, para trazer mais pesar, o que deveria ser o contrário, de acordo com o entrevistado. Para ele, baseando-se na ressurreição que se acredita na umbanda, os atos religiosos deveriam elucidar a luz e a alegria da vida das pessoas.

Ademais, Maria afirma que a umbanda a acolhe de diversas formas, por ser uma travesti e relatar que, na sua infância como cristã cresceu em um meio que afirmava que ela iria para o inferno. Para ela, tal experiência a tirou a oportunidade de viver o luto, pois o sofrimento já havia se tornado algo como dado à sua existência. Maria afirma: “*a religião umbanda trás a vida a quem (já) está morto em vida*”, se referindo à aceitação dos renegados

e estigmatizados pela sociedade. Ela afirma já ter chegado a pensar “*nenhum Deus vai me querer? Eu sou um lixo mesmo então*” e diz que a umbanda não faz distinção de corpo, sexualidade, status social. Finaliza dizendo: “*a religião de umbanda te prepara para a morte? Sim, mas não doi tanto porque você já vivenciou a morte em vida*”, demonstrando a exclusão que sofrera e o apoio que recebe dentro deste círculo que participa.

Percebe-se, dessa forma, a partir das entrevistas, que a religião foi sempre procurada pelos entrevistados durante o processo de luto, demonstrando a ligação desses temas e uma busca por sentido da vida e/ou explicações para a morte. Houve relatos acerca das dificuldades em compreender o processo de perda a partir dessa perspectiva religiosa, mas na maioria do conteúdo obtido na pesquisa, disseram se sentirem acolhidos com suas crenças e práticas ritualísticas associadas à espiritualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da grande presença da temática da morte no cotidiano das pessoas, este trabalho se propôs a analisar como seriam as implicações das religiões na subjetividade dos indivíduos enquanto experienciam o luto de um ente querido.

O estudo não obteve limitações significantes quanto à sua prática, entretanto, alguns candidatos a serem entrevistados optaram por não participarem da entrevista, por terem passado pela experiência do luto recentemente, segundo eles. Além disso, tivemos candidatos às entrevistas que desistiram em cima da hora e não deram uma devolutiva sobre a motivação para a resistência, sendo respeitada sua escolha por parte dos entrevistadores.

A conclusão deste estudo propõe uma reflexão fenomenológica-existencial sobre as complexas e subjetivas maneiras pelas quais a morte e o luto são experienciados, através da influência da religião, conforme observado nas entrevistas realizadas. Os resultados ressaltam que o diálogo sobre a morte apresenta aspectos profundamente pessoais e variados. Alguns indivíduos expressam conforto em falar sobre o tema, enquanto outros experimentam ansiedade e dificuldades, aspectos muitas vezes influenciados por suas religiões e crenças.

Além disso, a relação entre religião e luto emerge de forma significativa, onde rituais religiosos e espirituais atuam, para muitos, como fonte de conforto, marco simbólico e sentido, ainda que não se ajustem a todos de maneira similar. A elaboração do luto se mostra intensamente subjetiva e cotidiana, abrangendo desde sonhos e pensamentos recorrentes até o convívio com sentimentos como a falta ou a culpa, encontrando formas distintas de se resignificarem através do tempo, dando contorno ao tempo ontológico ao invés do cronológico. A ideia de “crime imaginário” (Monteiro, 2022), na fenomenologia, destaca a

propensão à culpa pelo que não foi feito, ao invés do que realmente ocorreu, ilustrando como o luto é marcado por aspectos emocionais únicos e complexos que afetam o sujeito e suas relações.

Ademais, indiferente da religião/doutrina seguida, todos os entrevistados relataram sentir sofrimento, ou alguma emoção considerada por negativa referente ao luto, demonstrando, assim, a carga subjetiva angustiante que a perda de algum ente querido traz aos sujeitos. Todavia, a religião surge como uma alternativa para se elaborar o luto, onde se utiliza da espiritualidade para auxiliar as questões que os seres humanos não possuem poder, podendo ser utilizada como um alívio.

Foi possível notar que esta elaboração é facilitada pela presença do discurso da morte no dia a dia, onde o contato com o tema elucida a sua presença e possibilidade de ocorrer, permitindo uma compreensão mais abrangente quando o fenômeno de fato acontece. Em contrapartida, a sociedade atual coloca o tema da morte como um tabu, em que muitas pessoas fogem do assunto e não buscam elaborar algum pensamento crítico sobre o mesmo, apesar de terem a certeza que a morte chegará. Fica claro que mais estudos acerca dessa relação da sociedade com a morte faz-se necessária, com intuito de aprofundar nas determinações que tal relação; com suas pressões, contradições e induções; podem acarretar no sujeito ao lidar com a perda de um ente querido.

Outrossim, outro tópico que se revelou como comum para alguns entrevistados é o luto social, assim denominado por João. O luto social diz respeito aos comportamentos esperados socialmente a serem realizados no momento do luto, mesmo que não sejam significativamente relevantes para os indivíduos. Exemplificando, apesar de reconhecer esta forma de luto, João diz não concordar com este ideal: *“Isso é uma grande idiotice. É apenas uma resposta para a sociedade, que precisa ver que você está triste. Porque se a sociedade achar que você não está triste ela vai te julgar, condenar e apontar o dedo de que você não tinha sentimento pela aquela pessoa”*. Do mesmo modo, Marcos, espírita, afirma que após perder sua mãe, as pessoas perguntavam se ele não estava sofrendo com as perdas e questionavam-o, quando na realidade ele afirmava que sentia sofrimento, porém com maior compreensão do fenômeno da morte. Portanto, percebe-se que, apesar de ser uma experiência individual, o luto sofre influências do coletivo que espera determinados padrões de comportamento moralmente aceitos.

Conclui-se que a experiência de luto é profundamente influenciada pelo contexto religioso dos indivíduos, proporcionando diferentes tipos de processo de enfrentamento da perda. A abordagem fenomenológica permitiu explorar como diferentes tradições se

relacionam com a percepção da morte e a elaboração do luto, oferecendo um espaço para que as vivências sejam melhor compreendidas, dentro das escolhas de cada um.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. C. Q. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1. ed. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 2016.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

BANAGGIA, G. Canalizar o fluxo: lidando com a morte numa religião de matriz africana. **Mana**, v. 24, n. 3, p. 9–32, set. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/QQJPdmtPqyJGxktCt8Fb7qt/?lang=pt#>>. Acesso em 18 jun. 2024.

CAPUTO, R. F. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista multidisciplinar da UNIESP - Saber Acadêmico**. Suzano, n.6, dez., 2008. p.73-80. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf>. Acesso em: 22 jun 2024.

FERREIRA, B. W. O sentido da vida. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 5, n. 9, p. 129–134, jul./dez., 2008. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1234>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FIRMO, M. A. T. A.; BRITO, I. Análise fenomenológica da banalização da morte em meio a pandemia da covid-19: a necessidade de fugir de realidades e suas consequências. **Revista Interfaces**, Suzano, v. 10. n. 3. set. 2022. Disponível em: <<https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1012/919>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

FONTANA, V. F. Sartre: o existencialismo em torno da morte. **Aufklärung: journal of philosophy**, João Pessoa, v. 7, n. 3, p. 99-110, set./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/55296>. Acesso em: 6 jul. 2024.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977. v.1.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes, 1991.

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. 13 jan., 2020. Política. Disponível em: <[50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha | Política | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/politica/noticia/50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-e-10-nao-tem-religiao-diz-datafolha-g1-globo-com)>. Acesso em: 06 mai 2024.

G1. **Operação “London Bridge”**: o que acontece após a morte da rainha Elizabeth II. 8 set., 2022. Mundo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/08/operacao-london-bridge-o-que-acontece-apos-a-morte-da-rainha-elizabeth-ii.ghml>>. Acesso em: 3 jun. 2024.

GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, v.38, n.1, p. 13-19, mar. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419>. Acesso em: 18 jul. 2024.

GENNEP, A. **Les rites de passage**. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GOIS, A. Cobertura da morte da rainha Elizabeth II fez crescer a audiência da GloboNews em 48%. **O GLOBO**. 10 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2022/09/cobertura-da-morte-da-rainha-elizabeth-ii-fez-crescer-a-audiencia-da-globonews-em-48percent.ghml>>. Acesso em 06 nov. 2024.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002. v.1 e v.2.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KARDEC, A. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentili. 117.ed. São Paulo: IDE, 2008.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTEIRO, M. C. F. **O sentimento de culpa sob o olhar fenomenológico-existencial**. Orientador: José Paulo Giovanetti. 2022. 31f. Monografia.(Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/49203/5/MONOGRAFIA%20ATUALIZADA.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2024.

NEHME, C. M. **Ser para a morte em Heidegger**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-11. 11ª revisão. Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em 17 jun. 2024.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus Editorial. 1998.

PIERRI, V. Impossibilidade de ritos funerários na pandemia pode afetar saúde mental dos enlutados. **Jornal da usp**. 04 mai. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/impossibilidade-de-ritos-funerarios-na-pandemia-pode-afetar-saude-mental-dos-enlutados/>>. Acesso em: 16 set. 2024.

POMPÉIA, J. A. SAPIENZA. B. T. **Na presença do sentido**: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC, 2004.

SANTANA, F.S.F. TOLOVI, C. A. Representação na perspectiva fenomenológica sobre o pensar a morte e o morrer. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 13, p. 118–134, jan., 2017. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/573>. Acesso em: 6 set. 2024.

SILVA, B. A. S. A espetacularização da vida e da banalização da morte como processo social. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO E PROCESSOS SOCIAIS, n.2, 2018, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: UNISINOS, 2018.

VENÂNCIO, M; OLIVEIRA, C. A patologização do luto: uma revisão dos manuais diagnósticos e estatísticos de transtornos mentais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA FAE, n.2, 2018, Salvador. **Anais [...]**. Curitiba: Centro Universitário FAE, 2018.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.26, n. 1, p. 97-113, nov., 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/#>. Acesso em: 04 out. 2024.